



DOSSIÊ
DEVANEIOS POÉTICOS
Poesias

Ailton Siqueira: É doutor pela PUC/SP, professor do Departamento de Ciências Sociais e Políticas da UERN e do Mestrado em Ciências Humanas e Sociais (UERN), coordenador do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo, pesquisador e catador de pensamentos poéticos.

Caminho

Eu tive que voltar enfrentando os espinhos na estrada.
Descobri que também havia flores no caminho.
Voltei com os pés feridos,
Mas com as mãos cheias de flores.

Chama

Dizem que somos feitos do barro.
Outros afirmam:
Somos apenas matéria.
Alguns asseguram:
Somos poeira de estrelas.
E há quem diga:
Somos nada.

Mas eu gosto dos poetas que dizem:
Somos escrituras.
Porque nesse instante,
Gostaria que você lesse em mim
As palavras que me incendeiam.

Dadas mãos

Sim ou não.
Ser ou não ser.
Não é mais a questão.

Sim e não
São união.
Ser e não ser
Dão as mãos.

União da desunião.
Síntese das antíteses.
Somos junção.

Traidor de si

Meus olhos se encheram do que não viram em você.
Te criei.
Perfeição do meu desejo imperfeito.

Crente de minha fidelidade a você
Falei toda a verdade. E menti.
Quando tive que mentir,
Falei a verdade.

Do que aconteceu, não sei.
Do que sei, estranho.
Falando a verdade, minto.
Mentindo, falo verdades.
Sabendo, não sei.
Sem saber, sei.

Te criei.
Você me atraiu. E eu me trai.
Sou traidor de mim mesmo.

Presentes de família

Do avô
Uma pedra de amolar faca.
E vários sorrisos.

Do pai:
Um carro de lata.
E a fé na vida.

Da mãe:
Um pente usado.
E o gosto por gente.

Da tia:
Um lápis quebrado.
E o desejo de poesia.

Meu bolso está vazio.
Mas eu recebi uma fortuna.

Fantasia

Apague a luz, mas
Deixe seus olhos
Bem abertos para
Me acender.

Nessa noite
Quero me despir,
Vestindo suas
Fantasias.

Meia

Meia luz.
Meia noite.
Meia garrafa.
Meia laranja.
Meia compreensão.
Meia verdade.

Prefiro a meia que
Veste todo meu pé.

Para tocar as estrelas

Se o rio se separar da sua fonte, ele seca.
Se os galhos de uma árvore perderem a
Ligação com suas raízes, ela definha.
Se a pipa não estiver com a linha presa a
Alguém, ela não sobe.
O pássaro que faz o ninho no topo da árvore
Usa gravetos que estão o chão.

Com o tempo aprendi:
Quem não se alimenta de suas nascenças
Não se fortalece, não floresce.
É preciso ter areia nos pés para poder voar alto.
Ninguém toca as estrelas sem estar enraizado na terra.

Dia de poesia

Dia:
Se eu mudar um pouquinho
Farei dele poesia.

Ser:
Se doer um tantinho
Poderei florescer.

Mar:
Se eu acrescentar mistérios
Conseguirei amar.

Luar:
Se eu deixar tudo mais claro
Irei sonhar.

Lar:
Se eu construir em um dia
Terá piso de mar e teto de luar.

A-mar

De tanto amar
Ela resolveu
Ir ao mar.
Mas não tinha
Como comparar
As profundezas do amar com aquele mar
Diante do seu olhar.

Pensou:
Quem inventou as medidas da comparação
Não conhecia as desmedidas de um coração.

A sede de amar nem o mar pode saciar.

Grave

O jardim está sem flores.
Mais grave:
A falta de jardineiro.

O rio está seco.
Mais grave:
Ninguém querer se banhar.

As bibliotecas estão fechadas.
Mais grave:
Ninguém gostar de ler.

O mundo está um horror.
Mais grave:
Corações sem amor.



DOSSIÊ
DEVANEIOS POÉTICOS
Mini contos

Ailton Siqueira: É doutor pela PUC/SP, professor do Departamento de Ciências Sociais e Políticas da UERN e do Mestrado em Ciências Humanas e Sociais (UERN), coordenador do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo, pesquisador e catador de pensamentos poéticos.

O velhinho

No sítio onde eu morava, tinha um velhinho misterioso.
Ele não gostava muito de falar.
Ficava muito tempo sozinho na natureza.
A curiosidade de menino inquiridor me levou a lhe perguntar:
___ Por que o senhor gosta de ficar sozinho?
Depois de um tempo, ele respondeu:
___ Em silêncio eu fico maior do que o mundo. O silêncio é o sono das palavras.
Eu não estou mudo. Estou em outro mundo.
E esse foi o maior discurso na vida daquele velhinho.
O tempo passou. Ele se mudou.
Hoje, ele está em outro mundo, mudo.
Partiu para onde sempre esteve.
Talvez, de lá, ele escute todas as palavras de nossos silêncios interiores.

As três portas

___ Professora, porque a senhora sempre dá aulas com a porta aberta?

___ Há três portas que sempre devemos deixa-las abertas, querido:

A porta da sala de aula, para que nossos estudos se comuniquem com o que acontece lá fora.

A porta da nossa mente, para poder entrar novas ideias e,

A porta do coração, para que a gente não fique presa às mesmas emoções.

___ Isso está em que página do livro, professora?

___ Está na página de um outro livro que ainda não aprendemos a ler.

Sem nome

Faça uma poesia de amor para mim, meu amor.
E ele escreveu:

Cada um de nós traz em si
Um céu e um inferno.
O bem e o mal.
Cada um de nós é
Verbo e é carne.
Carrega o pecado e a virtude.
Cada um de nós é um raio de luz
Que brilha na escuridão.
Cada um de nós é o outro:
Eu sou você, você é eu.
Somos um nós.

___ Não gostei. Não vi amor nessa poesia.
___ Então me ajude a falar dessa coisa que, em mim, não
Tem boca, me devora, e vive chamando teu nome!

Desejo

Ele não tinha ainda o entendimento que nomeava as coisas.

Estava lendo um livro no qual estava escrito:

“somos feitos de desejos. O desejo nos faz humanos”.

Ele não entendeu do que ele era feito.

E perguntou ao pai:

__ Pai, o que é desejo?

O pai estava diante de uma pergunta grande demais.

Não sabia o que responder.

E ele voltou a perguntar:

O que é desejo?

E o pai respondeu num repente, sem pensar:

__ Desejo é o que ficou daquilo que nunca tivemos.

É o que temos do que não temos.

__ Pois eu não quero ter esse desejo não, disse o menino.

E o pai riu com seu desejo de não desejar.